

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

BILLY WOODBERRY | REALIZADOR CONVIDADO

17 de Junho de 2025

### Haverá Eleições / 2025

um filme de CLÁUDIA VAREJÃO \*

*Realização, Fotografia:* Cláudia Varejão *Imagens de arquivo* Arquivo RTP *fotografia* Fundação Mário Soares e Maria Barroso, Arquivo Inácio Ludgero *Som directo:* Adriana Bolito *Montagem:* João Braz, Cláudia Varejão *Correcção de cor:* Paulo Américo *Montagem e mistura de som:* Elsa Ferreira *Assistência de montagem:* Joana Coelho *Tradução:* Francisca Cortesão *Design:* Ilhas Studio *Voz genérico fim de filme:* General Francisco Costa Gomes *Músicas:* Georg Friedrich Händel, Antonio Vivaldi, J.S. Bach *Com (depoimentos, voz):* Américo Lopes, António Borga, Leonor Beleza, Maria Antónia Palla, Maria Emília Brederode Santos, Pedro Magalhães.

*Produção:* Terratreme Filmes, Fundação Calouste Gulbenkian, RTP (Portugal, 2025) *Produtor:* João Matos *Direcção de produção:* Henrique Fialho *Coordenação de produção:* Giuliane Maoiel, Margot Silva, Marta Lemos *Supervisão pós-produção:* Marta Lemos *Coordenação de projectos / Terratreme Filmes:* João Gusmão *Coordenação de produção / Terratreme Filmes:* Celeste Alves, Tiago Alves Simões *Produtores Terratreme Filmes:* João Matos, Leonor Noivo, Luísa Homem, Susana Nobre, Tiago Hespanha *Cópia:* DCP, preto-e-branco e cor, falada em português e legendada em inglês, 35 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca.*

*\* Realizado no âmbito da exposição Haverá Eleições, 1975: as primeiras eleições livres em Portugal, uma iniciativa da Comissão Comemorativa 50 Anos 25 de Abril, em parceria com a Assembleia da República, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da RTP (patente na Fundação Calouste Gulbenkian até 31 de Outubro de 2025, reunindo “um vasto material audiovisual, fotografias, imprensa da época e documentos que retratam o período intenso que se viveu antes, durante e após as eleições de 25 de abril de 1975” “A pedido do Ministério da Comunicação Social, o Centro de Informação Eleitoral fixou-se na Fundação Gulbenkian, onde foi criada uma sala de imprensa e um estúdio, a partir do qual foi conduzida a emissão eleitoral televisiva, com ligações aos estúdios RTP no Lumiar e no Monte da Virgem.” “A exposição inclui um documentário que captura este momento, revisitando essas eleições através das imagens da noite e de testemunhos de quem viveu este momento histórico.”*

**projectação seguida de conversa com Cláudia Varejão e Billy Woodberry (em inglês)**

**Haverá Eleições é apresentado com *In the Street* de Helen Levitt, Janice Loeb, James Agee e *Free Time* de Manfred Kirchheimer (“folha” distribuída em separado). Na abertura da sessão, estes dois filmes são apresentados por Luís Mendonça.**

---

As Constituintes. Foi a 25 de Abril de 1975, uma sexta-feira, que em Portugal se realizaram as primeiras eleições livres com sufrágio universal, aos quais se apresentaram catorze partidos e coligações. Os ilustres 250 deputados e deputadas, historicamente conhecidos com o mesmo substantivo, os Constituintes, foram eleitos como “indiscutidas representantes do Povo Português”, na expressão do MFA, após um recenseamento realizado num curto de espaço de tempo que – dados da CNE – “resultou na inscrição de mais de 6 230 000 eleitores, contrastando com os 1 800 000 recenseados em 1973”. Ocuparam-se do texto fundador durante os dez meses de trabalho que desembocaram na aprovação, a 2 de abril de 1976, da Constituição da República Portuguesa. É como diz a “sinopse” do filme de Cláudia Varejão, concebido para integrar a exposição comemorativa da data na Fundação Calouste Gulbenkian, cinquenta e um anos passados sobre o 25 de Abril de 1974: “A 25 de Abril de 1975 dão-se as primeiras eleições livres em Portugal. Cerca de 92% dos eleitores recenseados compareceram às urnas, taxa que jamais foi superada até aos dias de hoje.” A festa do primeiro acto eleitoral em democracia foi inédita, irrepetível, porventura inimaginável para quem não a viveu, cidadão. Lembrá-la presta tributo a todos os cidadãos que em primeira instância, a montante e a jusante, a permitiram e aos que deram corpo e voz a uma construção colectiva. Presta também um tributo às imagens jornalísticas da RTP, que a captaram para a posteridade e estavam prontas para reemergirem dos arquivos.

*Haverá Eleições* entrou no programa “Billy Woodberry | Realizador Convidado” um dia depois do último acto eleitoral que teve lugar em Portugal, as legislativas de 18 de Maio. É apresentado “extra-programa” pela força do acontecimento evocado, com a força das imagens que o fixaram. Contando com os Arquivos fílmicos e fotográficos da RTP e da Fundação Mário Soares e Maria Barroso, o filme-montagem de Cláudia Varejão compõe-se em grande

medida a partir de imagens da transmissão televisiva da noite eleitoral da RTP, o “Especial Eleições” ancorado nos estúdios da RTP e na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, como dois palcos dessa noite histórica. E não apenas, uma vez que passa pelo retrato desse Portugal de 1975 que, um ano após a “Revolução dos Cravos” com a qual os tantos estrangeiros que vieram observá-la e documentá-la vibravam mal acreditando na sua génese militar, vivia tensões próprias do parto democrático e – ainda – a esperança colectiva num país *que desse vida*, como diz uma das populares anónimas a que Cláudia Varejão volta a dar voz.

Recorde-se que na primeira noite eleitoral do Portugal democrático, na Fundação Calouste Gulbenkian se encontravam o Centro de Imprensa e o Centro de Escrutínio enquanto, nas instalações da televisão pública, se transmitia em directo a contagem dos votos e se contava, entre os comentadores, o escritor Augusto Abelaira a saudar a eleição da poeta Sophia de Mello Breyner Andresen pelo círculo do Porto. Não sem lembrar como Sophia fora aparentemente vetada para Embaixadora de Portugal em França algum tempo antes porque, “uma mulher para Paris...” Abelaira remata, “Teríamos aí um exemplo curioso de anti-feminismo ou pelo menos de [alguém alvitado como o Spínola] não considerar as mulheres capazes de nos representarem em Paris. E eu pessoalmente penso que ela seria uma representante espantosa em Paris.”

Nos trinta e cinco minutos de *Haverá Eleições*, vêem-se, ou vislumbram-se, outras personalidades, sobretudo jornalistas, repórteres e políticos. No “Especial Eleições” de 1975, escutam-se António Borga, Joaquim Letria, José Carlos Vasconcelos, José Nuno Martins mas também Azeredo Perdigão ou Mário Alberto Nobre Lopes Soares – assim mesmo identificado na assembleia de voto. Também se vislumbra Otelo Saraiva de Carvalho, no interior do helicóptero que pousou frente da entrada principal da Gulbenkian nesse primeiro dia 25 de Abril. O primeiro rosto e a primeira voz do material de arquivo do filme são de Manuela Melo, locutora da RTP, a ler a Proclamação do MFA. No final, um discurso em *off* do General Francisco Costa Gomes nota a equivalência fundamental entre a vontade popular e o poder legítimo. António Borga nota outra coisa, relevante de outro ponto de vista, como “grande parte do mérito desta produção [“Especial Eleições”] se deve à equipa de realização, ao Alfredo Tropa, que fez um trabalho extraordinário... com meios muito rudimentares manteve a emissão tantas horas, muito boa.”

Os comentários, *off*, dos seis deponentes que participaram desse dia, Américo Lopes (antigo trabalhador da Fundação Calouste Gulbenkian), António Borga (jornalista), Leonor Beleza (jurista), Maria Antónia Palla (jornalista), Maria Emília Brederode Santos (pedagoga) e Pedro Magalhães (politólogo), participam bem do retrato de uma comunidade que saúda a democracia: “Lembro-me de ver muitas crianças... com quem é que estas pessoas todas haviam de deixar as crianças? E este orgulho das pessoas em serem ouvidas, ao nível uns dos outros, numa grande igualdade” (MEBS). “Eu acho é que elas [as mulheres] é que fizeram a revolução. Eles fizeram um golpe de Estado.” (MAP)

A ponte com o momento contemporâneo, da abstenção às cores e tons do Parlamento Português pós-Maio de 2025, convida, no mínimo, à reflexão. É Leonor Beleza quem diz, sublinhando a necessidade de ler a realidade como só podendo progredir em liberdade – “Perturba-me muito a ideia de tentarmos voltar a fechar, coisa que para Portugal é uma coisa que aconteceu no passado. E hoje o que estamos a ver é que os espaços de liberdade estão do ponto de vista dos números a diminuir no mundo e isto é muito assustador.” Pedro Magalhães nota a dada altura o esforço épico e a participação épica das eleições de 1975 ou ainda a ironia de como “É a PIDE que paga o recenseamento [os fundos da PIDE que transitaram para o Governo]”. E parafraseia uma intervenção de 1974 de Salgueiro Maia, quando se discutia o adiamento das eleições dada a ignorância do povo: “Nós fizemos esta revolução para dar ao povo o direito dele dizer, de se exprimir e se o povo quiser ir para o inferno é para o inferno que iremos.” E sublinha o ponto crucial entretanto caído no poço da subvalorização, “Importa não perder de vista o incrível que é termos um momento em que todas as pessoas valem o mesmo. Não temos mais nenhuma circunstância na vida em que isso seja assim. Em quase tudo, quem tem mais dinheiro, quem tem mais conhecimento, quem tem mais educação, quem tem mais poder, tem mais influência. [O acto eleitoral] é o momento em que o meu voto conta tanto como o voto de outra pessoa qualquer.” Ainda em *Haverá Eleições*, Maria Antónia Palla lembra que fez a pergunta na sua reportagem sobre o 25 de Abril inaugural: “Agora que temos liberdade, o que fazemos com ela?”

Em Junho de 2025, uma palavra propõe a resposta possível, e começa a ouvir-se no espaço público, *resistir*.